

### O CORPO COMO SUSTENTAÇÃO DO SELF: TRANSTORNOS ALIMENTARES NA CONTEMPORANEIDADE

**Fernanda Lisboa da Silva<sup>1</sup>;**

<sup>1</sup>Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/4499576825623079>

**Gabriela Costa Alves<sup>2</sup>;**

<sup>2</sup>Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/8468058003529079>

**Rute Grossi-Milani<sup>3</sup>.**

<sup>3</sup>Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/8844448878404124>

**RESUMO:** Este capítulo analisa a relação entre os transtornos alimentares e a sustentação da identidade por meio do corpo, discutindo como essas condições podem ser compreendidas como manifestações de sofrimento psíquico e fragilidades identitárias na contemporaneidade. Fundamentado em contribuições da psicanálise e de autores que discutem a constituição da identidade e as transformações da sociedade contemporânea, o texto aborda o deslocamento do corpo para uma posição central na construção do eu e na busca por reconhecimento social. Argumenta-se que, em um contexto marcado pela valorização da aparência e pela necessidade contínua de autoconstrução, o ideal corporal pode assumir a função de suporte da identidade, fazendo com que o valor pessoal seja condicionado à imagem socialmente validada. Além disso, são discutidas as dificuldades na diferenciação entre necessidades emocionais e fisiológicas e o papel do corpo como via de expressão do sofrimento psíquico quando processos simbólicos se mostram insuficientes. Nessa perspectiva, comportamentos como restrição alimentar, compulsão, purgação e controle excessivo do peso podem operar como estratégias de regulação emocional e de sustentação do self diante da fragilidade das referências identitárias. Conclui-se que os transtornos alimentares não se restringem a alimentação, podendo representar manifestações do sofrimento por meio do corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Imagem corporal. Comportamento Alimentar.

### THE BODY AS A SUPPORT FOR THE SELF: EATING DISORDERS IN CONTEMPORARY SOCIETY

**ABSTRACT:** This chapter examines the relationship between eating disorders and the maintenance of identity through the body, discussing how these conditions can be understood as manifestations of psychological distress and identity fragility in contemporary society.

Drawing on contributions from psychoanalysis and authors who explore identity formation and the transformations of contemporary society, the chapter addresses the body's shift toward a central role in the construction of the self and the pursuit of social recognition. It argues that, in a context marked by the valorization of appearance and the continuous demand for self-construction, the body ideal may serve as a support for identity, making personal worth dependent on a socially validated image. Furthermore, the chapter discusses the difficulties in distinguishing emotional from physiological needs and the role of the body as a means of expressing psychological distress when symbolic processes prove insufficient. From this perspective, behaviors such as food restriction, binge eating, purging, and excessive weight control may function as strategies for emotional regulation and for sustaining the self in the face of fragile identity references. It is concluded that eating disorders are not limited to disturbances in eating behavior but may also represent manifestations of psychological distress expressed through the body.

**KEYWORDS:** Identity. Body image. Eating behavior.

## INTRODUÇÃO

Os transtornos alimentares constituem condições complexas que envolvem fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, não podendo ser compreendidos apenas como alterações relacionadas ao comportamento alimentar. Na contemporaneidade, o corpo passou a ocupar posição cada vez mais central na sustentação e na construção do sentimento de identidade, acompanhando a busca constante dos indivíduos por reconhecimento. Como consequência, observa-se uma crescente valorização da aparência física e de padrões estéticos inatingíveis, fenômeno favorecido pela intensificação das exigências sociais, da cultura do desempenho e da constante exposição a ideais socialmente valorizados. Sob essa perspectiva, compreender os transtornos alimentares exige considerar as possíveis manifestações de sofrimento psíquico relacionadas às fragilidades na constituição da identidade e às dificuldades de simbolização. A partir das contribuições da psicanálise e de autores que discutem as transformações da sociedade contemporânea, torna-se possível compreender como o investimento excessivo no corpo e no controle alimentar pode representar tentativas de sustentação subjetiva diante das incertezas e exigências da vida contemporânea. Nesse contexto, torna-se relevante refletir sobre a relação entre corpo, identidade e transtornos alimentares, compreendendo essas condições para além da alimentação, enquanto formas de expressão do sofrimento psíquico na contemporaneidade.

## OBJETIVO

Discutir os transtornos alimentares para além de sua dimensão alimentar, compreendendo-os como manifestações de sofrimento psíquico relacionadas às exigências da cultura contemporânea e às fragilidades do self.

## METODOLOGIA

O presente capítulo caracteriza-se como um estudo de natureza teórica e reflexiva, fundamentado em obras clássicas da psicanálise, da filosofia e em literatura científica relacionada aos transtornos alimentares, à identidade, à imagem corporal e à contemporaneidade. A construção da discussão ocorreu por meio da articulação entre diferentes autores e referenciais teóricos selecionados em função de sua relevância para a compreensão da temática proposta.

Para a elaboração do capítulo, foram consultados livros, capítulos de livros, artigos científicos e documentos institucionais localizados por meio do Google Acadêmico e de diferentes plataformas eletrônicas de publicação científica. A busca e a seleção do material bibliográfico ocorreram entre os meses de maio e junho de 2026, priorizando publicações e autores que apresentassem contribuições teóricas pertinentes aos objetivos do estudo. Os materiais selecionados subsidiaram a construção da reflexão teórica desenvolvida ao longo do capítulo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Contemporaneidade e crise identitária

A modernidade trouxe consigo modificações nas formas de ser e existir no mundo, produzindo implicações tanto nos processos individuais quanto na organização coletiva, dimensões que se articulam mutuamente na construção da identidade. A sociedade anterior ao século XXI caracterizava-se por sua fixidez em diferentes aspectos da vida, como os papéis familiares, cargos profissionais, hierarquias socioeconômicas e modos de viver. Nesse contexto, os indivíduos frequentemente nasciam com trajetórias previamente delimitadas socialmente. Ainda que esse movimento possa ser observado na contemporaneidade, ele ocorre de maneira distinta. Quando um bebê nasce, por exemplo, já é inserido em uma rede de significados, expectativas e normas sociais. Recebe um nome, uma cultura, valores familiares, crenças religiosas e projeções realizadas por seus pais. Tais elementos influenciam diretamente a constituição da subjetividade, da personalidade, dos ideais, pensamentos e experiências futuras do indivíduo (Ribeiro & Santos, 2023). Compreende-se, portanto, que ninguém nasce completamente isento de atribuições e expectativas externas. Entretanto, ao comparar a contemporaneidade ao período anterior à modernização compulsiva, observa-se uma importante diferença na forma como os sujeitos passaram a organizar-se socialmente, fenômeno que repercutiu nos modos de experienciar a responsabilidade, a subjetividade e a angústia social.

A modernidade caracteriza-se pela incapacidade de atingir satisfação plena, fazendo com que o sujeito permaneça continuamente em busca de novos projetos e conquistas, na expectativa de alcançar, finalmente, um estado definitivo de realização. Entretanto, esse momento parece nunca chegar. O indivíduo mantém-se em uma busca incessante e ilusória de que, no próximo mês, no próximo ano ou na próxima conquista, alcançará a completude desejada. Para Lacan (2016), quando o objeto do desejo é alcançado, este

não se extingue, mas desloca-se continuamente para novos significantes, mantendo o sujeito em permanente movimento desejante. Dessa forma, a satisfação absoluta torna-se inalcançável, sustentando uma dinâmica marcada pela incompletude constante.

Nesse cenário, Bauman (2021) afirma que a sociedade moderna é marcada pela liquidez, decorrente da rapidez e da instabilidade com que as relações e os modos de vida se transformam. Para o autor, uma das justificativas para esse fenômeno encontra-se na transferência de responsabilidades das instituições sociais para o indivíduo. Se anteriormente os padrões e rotinas sociais ofereciam certa estabilidade e poupavam os sujeitos da necessidade de decidir sobre todos os aspectos da própria vida, hoje tornam-se cada vez mais responsáveis pelas consequências de suas escolhas. Thomas Hobbes (2003), por sua vez, defendia que a liberdade somente seria possível mediante a submissão à sociedade, uma vez que, sem regras, os sujeitos viveriam guiados pelos próprios impulsos, o que produziria insegurança, incerteza e sofrimento. Assim, submeter-se às normas sociais possibilitaria ao indivíduo apoiar-se em estruturas coletivas, fazendo com que as responsabilidades não recaíssem inteiramente sobre si.

Com a modernidade e o processo de individualização, esse cenário modifica-se significativamente. Aquilo que antes era compreendido como responsabilidade coletiva, gradualmente passa a ser transferido para a esfera individual. O sujeito torna-se responsável pelo próprio progresso, desenvolvimento e felicidade, enquanto problemas anteriormente entendidos como sociais passam a ser percebidos como falhas individuais. Nesse contexto, os modos de viver e a identidade deixam de ser elementos predominantemente determinados externamente e passam a constituir uma tarefa contínua do próprio sujeito, que deve construir, sustentar e validar constantemente quem é. Assim, a identidade deixa de configurar-se como algo fixo e passa a operar como um desempenho contínuo, no qual o indivíduo precisa reinventar-se constantemente a partir de si mesmo para corresponder à imagem que deseja sustentar (Minerbo, 2013).

### **O corpo como sustentação do self**

As transformações decorrentes da pós-modernidade intensificaram os fenômenos anteriormente descritos, produzindo um cenário marcado pela fragilidade das referências simbólicas e pela necessidade constante de adaptação e reinvenção dos indivíduos. Se antes existiam roteiros sociais relativamente estáveis, capazes de orientar os modos de viver, trabalhar, constituir família e organizar a própria existência, na contemporaneidade tais parâmetros tornam-se progressivamente fluidos e instáveis (Minerbo, 2013).

Nesse contexto de instabilidade, o corpo passa a ocupar posição central na constituição subjetiva, funcionando como forma de sustentar o sentimento de identidade e existência do sujeito contemporâneo. Para Minerbo (2013), o self corresponde ao conjunto de autorrepresentações por meio das quais o indivíduo relaciona-se consigo mesmo, constituindo aquilo que frequentemente é compreendido como identidade. Winnicott (1983), por sua vez, relaciona o self à parte mais autêntica e espontânea do sujeito, fundamental

para o sentimento de ser e existir. Quando essa experiência encontra-se fragilizada, o sujeito pode vivenciar sentimentos de vazio, angústia e desamparo, levando-o a adotar estratégias defensivas e comportamentos compulsivos na tentativa de aliviar o sofrimento.

Considerando isso, determinadas práticas corporais podem funcionar como tentativas de produzir sensações capazes de aliviar angústias relacionadas ao tédio, à apatia e ao vazio existencial. O sujeito passa, então, a recorrer a comportamentos compulsivos e aditivos como forma de sentir-se vivo e organizar-se psiquicamente. Entre esses comportamentos, destacam-se práticas voltadas à busca por sensações corporais, como a liberação de adrenalina e endorfina por meio de exercícios físicos excessivos (Minerbo, 2013). Assim, o indivíduo recorre continuamente a determinadas substâncias e comportamentos na tentativa desesperada de alcançar uma experiência de integração somatopsíquica. Paralelamente, o corpo moldado de acordo com os padrões estéticos socialmente valorizados passa a funcionar como uma sustentação narcísica e de afirmação identitária, confirmando o valor do eu.

O corpo não se restringe à dimensão biológica ou ao funcionamento orgânico voltado à manutenção da vida, constituindo-se também como espaço atravessado por aspectos psíquicos, sociais e culturais. Na contemporaneidade, o corpo passa progressivamente a ocupar lugar central na constituição da identidade, tornando-se espaço das adaptações realizadas pelo sujeito frente às exigências externas e expressão das tentativas de alcançar reconhecimento, pertencimento e validação social. Segundo Winnicott (1983), o falso self constitui uma organização defensiva que surge como forma de adaptação às exigências do ambiente. O sujeito, ao compreender que precisa agir ou existir de determinada maneira para ser aceito, passa a adaptar sua personalidade, reprimindo aspectos mais autênticos de si mesmo. Nesse sentido, uma aparência física validada pode passar a sustentar o sentimento de identidade, fazendo com que o valor pessoal do indivíduo dependa da imagem socialmente construída. Assim, a busca contemporânea pelo corpo ideal vai além de uma tentativa de adequação estética, funcionando também como um esforço de estabilização identitária frente às fragilidades simbólicas que caracterizam a cultura contemporânea.

### **Cultura corporal, imagem e insatisfação na contemporaneidade**

A maneira como os indivíduos percebem e atribuem significado ao próprio corpo é influenciada pelos valores e ideais predominantes em cada sociedade. Nesse sentido, a imagem corporal pode ser compreendida como uma construção atravessada por fatores culturais, econômicos e históricos, que definem quais características são valorizadas ou rejeitadas em determinado período. Desde a Antiguidade, o corpo vem sendo representado em diferentes culturas, assumindo significados distintos conforme os valores de cada organização social. Além disso, os ideais corporais acompanharam as necessidades de cada sociedade. Em contextos marcados pela escassez alimentar, por exemplo, corpos mais volumosos eram frequentemente associados à fartura e ao prestígio social, enquanto, nos tempos atuais, marcados pela cultura do desempenho, observa-se crescente valorização

de corpos magros e disciplinados (Dourado et al., 2018). A imagem corporal, portanto, pode ser compreendida como um fenômeno influenciado pela liquidez social contemporânea, na qual os padrões estéticos e concepções sobre o corpo se modificam constantemente.

Com a ascensão da mídia, incluindo revistas, televisão, cinema e, posteriormente, as redes sociais, observa-se uma intensificação do culto ao corpo, na medida em que esses veículos passaram a promover padrões de beleza frequentemente inatingíveis. A exposição constante a imagens corporais digitalmente manipuladas, padrões estéticos irreais e corpos excessivamente magros ou musculosos tornou-se cada vez mais comum nos dias atuais. Segundo Artoni (2024), essas influências podem alterar componentes cognitivos, afetivos e comportamentais da autoimagem, favorecendo o desenvolvimento de insatisfação corporal e de comportamentos alimentares disfuncionais como tentativa de adequação aos ideais socialmente valorizados. As pressões geradas pela internalização desses padrões contribuem para a construção de uma cultura de comparação constante, levando os indivíduos a associarem sua aparência ao próprio valor e reconhecimento social. Como consequência, podem surgir práticas estéticas desordenadas e diferentes formas de sofrimento psíquico, entre elas os transtornos alimentares.

Na modernidade líquida, marcada pela constante transformação dos padrões sociais, o corpo também passa a operar sob uma lógica de aperfeiçoamento contínuo. Conforme discutido por Bauman (2021), os indivíduos vivem em uma busca incessante por satisfação, aperfeiçoamento e realização, uma vez que sempre existe a necessidade de ir além do que já foi alcançado. Além disso, o sujeito depara-se com a necessidade de consumir identidades, estilos de vida e formas de existência, fazendo com que a construção da própria subjetividade assuma um caráter compulsivo diante da impossibilidade de completude do desejo. Nesse cenário, a estabilidade passa a ser associada ao fracasso, enquanto o corpo nunca se encontra “pronto”, tornando-se um projeto em constante construção. Como consequência, práticas de controle corporal tornam-se cada vez mais frequentes, incluindo contagem obsessiva de calorias, monitoramento constante do peso, checagem corporal e busca excessiva por desempenho físico. Tais comportamentos podem assumir caráter compulsivo, produzindo sofrimento psíquico e favorecendo o desenvolvimento de práticas alimentares disfuncionais e de transtornos alimentares.

Anteriormente à modernização, valorizava-se um corpo saudável, capaz de desempenhar adequadamente suas funções laborais e sociais, enquanto, na contemporaneidade, o corpo passa a ser associado à aptidão. Como a sociedade se transforma de maneira cada vez mais rápida, os padrões corporais acompanham esse movimento, fazendo com que aquilo que é considerado adequado ou saudável em determinado momento possa tornar-se inadequado posteriormente (Bauman, 2021). Nesse sentido, o cuidado com o corpo passa a operar segundo uma lógica de aperfeiçoamento constante, em que dietas, padrões estéticos e rotinas de exercício são frequentemente atualizados e reconfigurados. Diferentemente do ideal de saúde, que pressupõe um estado relativamente alcançável, a aptidão não possui um ponto final definido, pois sempre é possível



melhorar algo. Como consequência, o indivíduo passa a experimentar um sentimento de incompletude, marcado pela dificuldade de alcançar um estado definitivo de satisfação em relação ao próprio corpo.

### **Transtornos alimentares como linguagem do sofrimento**

O corpo vem ocupando posição cada vez mais central na sustentação do sentimento de identidade, fazendo com que a aparência física se torne, para muitos indivíduos, um importante critério de reconhecimento pessoal. Quando a validação externa passa a ocupar papel predominante na definição do próprio eu, pode ocorrer um afastamento progressivo das experiências subjetivas, levando o indivíduo a depender do outro para definir quem é, o que sente e como deveria perceber a si mesmo. Nesse contexto, os transtornos alimentares podem ser compreendidos a partir de uma perspectiva mais ampla, relacionada à maneira como a pessoa reconhece o próprio corpo e se relaciona consigo mesma, com suas emoções e com suas necessidades corporais. Bruch (1961) observou que muitos indivíduos cresceram em ambientes nos quais seus estados internos eram constantemente interpretados pelos cuidadores, que definiam quando estavam com fome, cansados, tristes, ou satisfeitos. Como consequência, a criança pode não desenvolver adequadamente a capacidade de reconhecer suas próprias necessidades emocionais e corporais. O sujeito aprende, então, a responder expectativas externas antes mesmo de identificar suas necessidades internas, o que pode resultar em dificuldades para reconhecer a fome e a saciedade, bem como para diferenciar necessidades nutricionais de outras formas de desconforto emocional.

Além disso, diante de conflitos internos, muitos indivíduos passam a apresentar dificuldades para diferenciar fome fisiológica da necessidade de aliviar ansiedades, regular emoções, preencher sentimentos de vazio, buscar identidade ou obter sensação de controle (Bruch, 1961). Nesses casos, o corpo torna-se um importante meio de expressão do sofrimento psíquico. Freud e Breuer (2016), ao estudar os sintomas histéricos, observaram que vivências emocionalmente significativas podem continuar produzindo efeitos no sujeito mesmo muito tempo após sua ocorrência, especialmente quando não são adequadamente elaboradas. A partir da leitura lacaniana apresentada por Silva (2025), compreende-se que, diante de dificuldades de simbolização, aspectos do sofrimento psíquico podem encontrar expressão através do corpo. Sob essa perspectiva, sintomas como restrição alimentar, compulsão, vômitos provocados e obsessão corporal podem ser compreendidos como manifestações concretas do sofrimento psíquico que não encontraram outras formas de elaboração.

Nesses casos, o investimento excessivo no corpo e no controle alimentar pode funcionar como tentativa de aliviar angústias e produzir uma sensação de organização subjetiva frente às incertezas da vida contemporânea. Tal dinâmica aproxima-se das formulações de Minerbo (2013), segundo as quais determinadas experiências corporais podem ser utilizadas como formas de sustentação do self diante da fragilidade das referências identitárias contemporâneas. Assim, o controle corporal pode assumir a função

de conferir ao sujeito uma sensação temporária de estabilidade identitária, amenizando a sensação de incompletude.

Compreende-se, portanto, que o transtorno alimentar não pode ser reduzido a uma alteração na relação do sujeito com a comida, sendo uma forma de organizar e comunicar sofrimentos psíquicos por meio do corpo. Nesse sentido, o trabalho clínico não deve limitar-se à modificação dos comportamentos alimentares, mas envolver a escuta das experiências subjetivas do paciente, favorecendo o reconhecimento de suas emoções, necessidades e vivências corporais (Bruch, 1961). Além disso, é fundamental promover formas mais elaboradas de simbolização do sofrimento, possibilitando que conflitos antes expressos corporalmente encontrem novos meios de elaboração psíquica. Tal processo contribui para o fortalecimento de um sentido de identidade menos dependente da validação externa e do controle corporal.

Nessa perspectiva, compreender o sujeito em sua integralidade implica reconhecer a complexidade, a singularidade e as potencialidades que atravessam sua experiência. Tal compreensão possibilita a construção de intervenções articuladas que contemplem as múltiplas dimensões envolvidas na constituição do sofrimento psíquico, em consonância com a perspectiva da integralidade preconizada pela Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil, 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse capítulo buscou discutir os transtornos alimentares para além de sua dimensão alimentar, compreendendo-os como manifestações de sofrimento psíquico relacionadas a conflitos identitários, nas quais o corpo e o comportamento alimentar podem tornar-se formas de sustentação subjetiva diante de fragilidades do self e das exigências contemporâneas. Entende-se que as características que regem a configuração social atual produziram impactos significativos na forma como os indivíduos constroem sua identidade e se relacionam com o próprio corpo.

Observou-se que, diante da instabilidade das referências simbólicas, da crescente valorização do desempenho e da constante necessidade de adaptação às necessidades externas para obtenção de reconhecimento e validação social, o corpo passou a ocupar posição cada vez mais central na sustentação do sentimento de identidade. Nesse contexto, a imagem corporal torna-se palco desses conflitos, fazendo com que o indivíduo adote medidas disfuncionais e compulsivas na tentativa de adequar-se aos padrões socialmente valorizados. Tais ideais estéticos, propagados e reforçados por diferentes instituições sociais, favorecem processos de comparação constante, insatisfação corporal e sofrimento emocional.

Além disso, o presente estudo permitiu compreender os transtornos alimentares como manifestações amplas e complexas, que ultrapassam uma visão restrita à relação com a comida. Os sintomas alimentares podem constituir formas de expressão de conflitos intrapsíquicos que, diante de dificuldades de simbolização, encontram no corpo uma via



alternativa de manifestação. O comportamento alimentar passa a funcionar, então, como uma tentativa de lidar com sentimentos de desamparo, vazio existencial e instabilidade identitária.

Por fim, destaca-se a importância de abordagens clínicas que considerem as experiências subjetivas dos indivíduos, reconhecendo que a compreensão dos transtornos alimentares é complexa e multifacetada. Dessa forma, torna-se necessário um olhar integrado que contemple todas as dimensões do indivíduo, incluindo os fatores biológicos, psicológicos e socioculturais.

## REFERÊNCIAS

- ARTONI, Paolo. Body image disturbance in eating disorders. **WikiJournal of Medicine**, v. 11, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15347/WJM/2024.001>.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_promocao\\_saude\\_2reimp.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_2reimp.pdf). Acesso em: 22 jun. 2026.
- BRUCH, Hilde. Transformation of oral impulses in eating disorders: a conceptual approach. **Psychiatric Quarterly**, [S.l.], v. 35, p. 458–481, 1961. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF01573614>.
- DOURADO, Cláudia de Souza et al. Corpo, cultura e significado. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 206-212, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7322/jhgd147240>.
- FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LACAN, Jacques. O desejo e sua interpretação. In: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. cap. 1, p. 11-25.
- MINERBO, Marion. **Ser e sofrer, hoje**. Ide (São Paulo), v. 35, n. 55, p. 31-42, jan. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 mai. 2026.
- RIBEIRO, Maria Gabriela Severiano; SANTOS, Tania Coelho dos. O sintoma da criança: a criança como sintoma dos pais. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, v. 18, n. 36, p. 96-114, maio/out. 2023. Disponível em: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_36/pdf/07%20-%20MARIA%20GABRIELA%20TANIA.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_36/pdf/07%20-%20MARIA%20GABRIELA%20TANIA.pdf). Acesso em: 26 mai. 2026.
- SILVA, Allan Rooger Moreira. O corpo que se impõe no discurso: psicossomática e psicanálise no Sistema Único de Saúde. **Revista Acadêmica Online**, v. 11, n. 58, p. e1582,

2025. DOI: <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2025.v11n58.1582>.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.